



ARTISTAS CONTEMPORÂNEAS
na teoria e história da arte

organização

ROSÂNGELA CHEREM

SANDRA MAKOWIECKY

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
Reitor Prof. Dr. Marcus Tomasi

CENTRO DE ARTES – CEART
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS – PPGAV
Coordenadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

Este trabalho recebeu apoio financeiro da UDESC (recursos PAP), FAPESC, Capes e CNPq.

Organizadoras:

Prof^ª Dr^ª Rosângela Miranda Cherem e Prof^ª Dr^ª Sandra Makowiecky

Edição gráfica: Carol Schroeder

Imagem capa: Marli Henicka, *still* do vídeo *My Forest*, 2011.

© das fotografias: fizeram-se todos os esforços possíveis para identificar e reconhecer os autores das reproduções. Qualquer erro ou omissão, será revisto em reedição futura. © dos textos: seus autores. Os textos dos artigos refletem a opinião dos seus autores e não são necessariamente compartilhadas pelos/as artistas.

A reprodução de imagens de obras nesta publicação tem o caráter pedagógico e científico amparado pelos limites do direito de autor no art. 46 da Lei no 9610/1998, entre elas as previstas no inciso III (a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra), sendo toda reprodução realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.

ROSÂNGELA CHEREM
SANDRA MAKOWIECKY
organização

ARTISTAS CONTEMPORÂNEAS na teoria e história da arte

1ª edição

Florianópolis
AAESC
2016

SINGULARIDADES DA TERRA EM EXPOSIÇÃO DE MULHERES CERAMISTAS¹

Sandra Makowiecky²

No mês de agosto de 2015, o Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), acolheu uma exposição que merece registro, por sua qualidade técnica e artística. Merece figurar neste livro, porque reuniu trabalhos de mulheres ceramistas de larga experiência e atuação no campo da arte. A exposição “Singularidades da Terra”, foi desenvolvida por um coletivo de dez artistas e apresentou trabalhos diferenciados de cerâmica, que aliam a tradição da técnica com as urgências da arte contemporânea.

A exposição reuniu trabalhos de um grupo de ceramistas (figuras 1, 2, 3, 4 e 5): Ilca Barcellos de Souza, Luciane Garcez e Elke Otte Hulse (tapeceira), Cléa Espíndola, Luiz Carlos Canabarro Machado, Rosana Bortolin, Sara Ramos, Rosângela Rosa, Isabela Sielski e Betânia Silveira. Luiz Carlos Machado, o único homem deste grupo foi professor da maioria das ceramistas, sendo que



Fig. 1: Artistas ceramistas, da esquerda para a direita: Luciane Garcez, Cléa Espindola, Sara Ramos, Ilca Barcellos, Betânia Silveira e Rosana Bortolin. Foto: Carlos Pontalti.



Fig. 2: Da esquerda para a direita: Martha Ozol e Cléa Espindola. Foto: Carlos Pontalti.



Fig. 3: Isabela Sielski.



Fig. 4: Elke Otte Hulse.

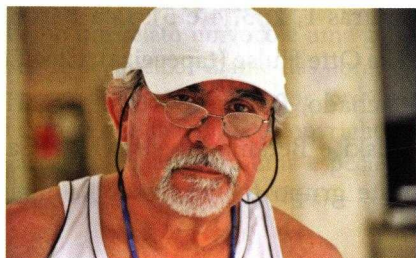


Fig. 5: Luiz Carlos Canabarro Machado.

muitas também foram alunas de Betânia Silveira e Rosana Bortolin, o que significa que é uma reunião de mestres e discípulas, que continuam produzindo juntas em constante atualização. O nome “Singularidades da terra” foi escolhido em grupo, de forma coletiva, como de modo geral costumam trabalhar os ceramistas, atitude que exige em geral produção em equipe e trabalho gregário. A cerâmica é uma forma de arte que exige e necessita de persistência, contínuo estudo e investimento e seu resultado não é imediato. Para construir um projeto leva um tempo muito mais longo que o desenho ou a pintura e os trabalhos ainda correm o risco de ter problemas durante a secagem ou a queima, tudo é incerto. A cerâmica é o material artificial mais antigo produzido pelo homem. Do grego “kéramos” (“terra queimada” ou “argila queimada”), é um material de grande resistência, frequentemente encontrado em escavações arqueológicas. Como sabemos, a cerâmica é feita de argila, de barro, sendo uma das mais antigas atividades que a civilização criou e é uma atividade que se mantém inalterável, até hoje. Seus principais fundamentos são: obter a argila – processar – moldar – secar – queimar. Entendemos por cerâmica, a denominação comum a todos os artigos ou objetos produzidos com argila e queimados/assados ao fogo. A transformação do barro em cerâmica acontece durante a queima. Trata-se de um processo que exige muito conhecimento técnico/químico. O aspecto exterior da cerâmica pode ser variado, porém sua essência é uma só: Terra, ou seja, Argila.

A argila como síntese, simboliza a própria matéria, pois segue o ciclo dos antigos gregos: Terra – Água – Ar – Fogo. A história da cerâmica é longa. De acordo com o material utilizado e com a técnica empregada, classifica-se a cerâmica em terracota (peça de

argila cozida no forno, sem ser vidrada, embora, às vezes, pintada), cerâmica vidrada (cuja modalidade mais conhecida é o azulejo), grés (cerâmica vidrada, às vezes pintada, feita de pasta de quartzo, feldspato, argila e areia) e faiança. Esta última designa louça fina obtida de pasta porosa cozida a altas temperaturas, envernizada ou revestida de esmalte sobre o qual pintam-se motivos decorativos. Como a essência da cerâmica é uma só: Terra, ou seja, Argila, daí o nome “ Singularidades da Terra”, pois a terra é a essência e cada artista a expressa em suas singularidades próprias. No coletivo, comungam a paixão pela terra, pela argila, pela modelagem e pelos diferentes processos e queimas, que são peculiares do fazer cerâmico. A argila como síntese, simboliza a própria matéria, pois segue o ciclo dos antigos gregos: Terra – Água – Ar – Fogo. A linguagem artística da cerâmica em sua matriz é artesanal, um processo rudimentar, realizada em várias etapas, portanto, assentada em bases tradicionais.

Uma frase de Rosana Bortolin sobre a cerâmica cabe destacar: *A cerâmica carrega em si o ranço de não ser arte.*³ Talvez o ranço de não ser arte, como diz Rosana, tenha a ver com o fato de que a cerâmica é o material artificial mais antigo produzido pelo homem.

A cerâmica é um material de grande resistência, frequentemente encontrado em escavações arqueológicas. Pesquisas apontam que a cerâmica é produzida há cerca de 10-15 mil anos e pode ser uma atividade artística (em que são produzidos artefatos com valor estético) ou uma atividade industrial (em que são produzidos artefatos para uso na construção civil e na engenharia). Hoje, além de sua utilização como matéria-prima constituinte de diversos instrumentos domésticos, da construção civil e como material

plástico nas mãos dos artistas, a cerâmica é também utilizada na tecnologia de ponta, mais especificamente na fabricação de componentes de foguetes espaciais, devido à sua durabilidade. A linguagem artística da cerâmica em sua matriz é artesanal, um processo rudimentar, realizada em várias etapas, portanto, assentada em bases tradicionais. Com um percurso histórico desde a Pré-História, o entendimento da cerâmica no contexto atual requer o acompanhamento da passagem da arte moderna para a contemporânea. Com o fim do modernismo na arte e o surgimento da pós-modernidade (na década de 1970), operaram-se mudanças definitivas relativas à concepção de arte, aos conceitos, às técnicas, aos materiais, portanto, redimensionando os processos poéticos, estéticos, teóricos, o papel do artista e o próprio espaço da arte. A arte produzida na cena contemporânea é, portanto, reflexo dos acúmulos e das experimentações históricas como, também, reflexo do próprio contexto contemporâneo, globalizado, híbrido, acelerado, transdisciplinar, plural, polissêmico, neobarroco, mestiço, aberto à alteridade e tantos outros adjetivos. Justamente por isso, a arte contemporânea combina materiais, linguagens, tecnologias e locais de maneira ilimitada. A cerâmica, no mesmo caminho da dissolução das fronteiras das linguagens, assimilou os conceitos que se abriram a partir da *Arte Conceitual*, da *Arte Povera*, da *Arte Processual*, da *Arte Ambiental*, da *Performance*, da *Land Art*, entre outras, onde artistas experienciaram a argila e o repertório da linguagem da cerâmica num contexto mais amplo, repleto de possibilidades distanciadas de seu núcleo técnico e formal. Neste sentido, o conceito de cerâmica contemporânea pode ser uma extensão do conceito de arte contemporânea, com

todos seus hibridismos. A cerâmica contemporânea quer revelar e revela um pouco mais do seu enorme potencial, transcendendo conceitualmente o que, historicamente, lhe é intrínseco – a sua funcionalidade. Mas como conciliar estes hibridismos, diferentes materiais, linguagens, tecnologias e locais de maneira ilimitada?

Como conciliar uma arte com tanta tradição quanto a cerâmica com as urgências da arte contemporânea? Não estaria a afirmação da cerâmica justamente na manutenção da tradição adaptada aos tempos e às novas tecnologias, sem a necessidade de querer ser “contemporânea”? Será que o fato de manter suas tradições, faz com que ela seja vista com mais dificuldade pelo público leigo como não arte? Será que na contemporaneidade, toda tradição é vista como passado? Será que na cena artística não confundem técnica com potencial expressivo? Algumas perguntas postas para pensar.

Os artistas e artistas que participam deste coletiva possuem longa e pavimentada trajetória, com suas singularidades. Iniciemos por um deles: Canabarro.

Luiz Carlos Canabarro⁴, (fig. 5) que realizou intensas pesquisas em produção cerâmica é responsável pela formação de muitos artistas na área, pois sempre liderando grupos de artistas ceramistas, com o objetivo de realizar pesquisas em cerâmica *valorizando-a como arte*, permanece exercendo seu papel. Nesta exposição, apresentou apenas uma peça (fig. 6) que faz parte de seu repertório desde sempre, mantendo a coerência do rigor técnico e potencial criativo. Luiz Carlos Canabarro nasceu em Pelotas (RS) em 1948. Estudou cerâmica em Rivera (Uruguai), em 1969, com o escultor Luis Ospitaleche — com quem apresentou

uma exposição no MASC em outubro de 1983. Licenciou-se em desenho artístico na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 1975, e concluiu também o bacharelado em escultura na mesma universidade em 1977 (AMARAL, 2002). Ele começou a trabalhar na UDESC, com cerâmica, em 1978, antes, portanto, da criação do CEART. Canabarro participou ativamente de implantação do Centro de Artes, como professor, diretor, coordenador de pesquisas e também foi, desde os primórdios do curso de artes, entusiasta na organização de exposições de alunos e professores. Ele já atuava como artista e levou para a Universidade a prática do ateliê e da produção artística. Nos anos 80 criou o grupo Grupo Nha-ú, palavra de origem tupi-guarani que significa barro para cerâmica — e foi o mais longo dos grupos do Centro de Artes. Liderado por Canabarro, reuniu professores e alunos com o objetivo de realizar



Fig. 6: Obra de Luiz Carlos Canabarro Machado. Foto: Carlos Pontalti.

pesquisas em cerâmica, “valorizando-a como arte”. A primeira exposição do grupo foi em 1980, quando participou do IV Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul, em que apresentou a obra *Caos e Criação*. Desse projeto participaram os professores Luiz Carlos Canabarro, Geraldo Mazzi, Dora Dutra Bay e Carlos Lucas Besen; o oleiro Ademar de Melo, o fotógrafo Ulisses Soares e os alunos, Cinthia Zaguini, José Luiz Kinceler e Marcos Malta⁵. Além de Canabarro, duas outras artistas que fizeram parte do Grupo Nha-ú, fazem parte desta exposição: Cléa Spindola e Isabela Sielski.

Ilca Barcellos de Souza apresentou obras que travam um diálogo com o acaso, estabelecendo-se uma relação de embate entre a obra e o artista, que se manifesta no limite entre o previsível e o imprevisível. Nas esculturas híbridas (cerâmica e espuma expansiva de poliuretano), (fig.8) à medida em que a espuma se



Fig. 7: Ilca Barcellos de Souza, (fotografia impressa em PVC, dos objetos cerâmicos) ao fundo, ladeada por artistas, da esquerda para a direita, Juliana Hoffman, Clara Fernandes, Sara Ramos e Ilca Barcellos. Foto: Carlos Pontalti.



Fig. 8: Ilca Barcellos de Souza, *Protuberâncias* (cerâmica e espuma expansiva de poliuretano). Foto: Carlos Pontalti.

expande preenchendo os vazios da escultura, proliferam-se novas formas e volumes que, por sua vez, reverberam a estrutura interna da cerâmica, revelando-a na superfície. A interação entre a espuma expansiva e a cerâmica ocorre sem que se tenha o controle total da situação. Nas fotografias impressas (em painéis de PVC) (fig. 7) o acaso, que se manifesta pelo mimetismo/entre as esculturas (bichos-plantas) novamente mostra os inevitáveis acasos que se pronunciam pelas formas, cores e pelas texturas entre o natural e o artificial.

Betânia Silveira leva para o barro as tramas orgânicas com fios de silicone, pensando em falar de percursos e conexões da cerâmica em hipermídia, web, rede e seus rizomas. Apresenta uma peça composta de duas partes que não estão coladas, mas encaixadas formando uma coisa só. O resultado das tramas é orgânico e abstrato, dando vazão a um gesto intuitivo e caótico, realizando um desenho em tridimensão. Ao escolher o nome “**Vestígios**”, (fig. 9 e 10) reforça o vestígio da fibra vegetal, relacionando com o próprio processo que a cerâmica realiza ao se tornar um ser vegetal mineral,



Fig. 9: Betânia Silveira, Vestígios.
Foto: Carlos Pontalti.



Fig. 10: Betânia Silveira, Vestígios.
Foto: Carlos Pontalti.

passando por outros possíveis vestígios. O resultado plástico gera um distanciamento visual do material de origem, pois os fios de cerâmica produzidos levam, muitas vezes à uma dúvida com relação ao material de que se trata a obra.

Sara Ramos apresentou “Contenedores — Série Etnias do Barro”, uma instalação composta por 27 módulos de cerâmica (*bowls*) de aproximadamente 25 cm de diâmetro (figs. 11 e 12). A nítida relação com o alimento é desdobramento de sua pesquisa com este tema, onde enfatiza a cerâmica como objeto mais ancestral da humanidade, com a finalidade de armazenamento de comida e víveres, mostrando a relação entre a vivacidade da cor pulsante em contraponto com a matéria quase rústica. Em *Contenedores*, interferiu minimamente na matéria, procurando evidenciar as características básicas do barro, justamente para traçar este diálogo com o primitivo. A própria forma de apresentação da obra é uma imagem ritualística da prática de coletores, uma imagem lúdica e metafórica da necessidade primária e fundamental do ser humano,



Fig. 11: Sara Ramos, *Contenedores* – Série *Etnias do Barro*. Foto: Carlos Pontalti.



Fig. 12: Sara Ramos, *Contenedores* – Série *Etnias do Barro*. Foto: Carlos Pontalti.

o ato de comer e uma reverência à matéria básica — o barro.

Rosângela Rosa nos apresentou “Habitat”, (figs. 13 e 14) trabalho inspirado em grande parte no contato com o livro propriamente dito, em especial os livros antigos, dos sebos e revistarias, com suas capas rachadas, suas páginas amarelcidas, o cheiro de antiguidade de suas folhas, suas imagens e seus textos. A artista diz preferir os velhos livros, das capas duras, das letras caprichadas, para eternizá-los na cerâmica aparentemente fria mas resistente, que pode suportar as agruras da vida, o vendaval, a chuva insistente, a força do mar. Ao atirar os livros ao mar, encenava provar suas imortalidades, posto que retornariam, mesmo cobertos de cracas, mas também de esperança, tal como Ulysses quando retornou à sua Ítaca. Queria esquecê-los adormecidos sob as águas salgadas, para depois resgatá-los e descobrir suas novas histórias. Ao final de 11 (onze) meses, retirou os livros do mar e eles retornaram repletos de cracas, algas, moluscos e outros seres marinhos, que vieram a secar. No entanto essas vidas que um dia habitaram seus livros deixaram marcas, que perpetuariam suas histórias. A nova



Fig. 13: Rosângela Rosa, *Habitat*.



Fig. 14: Rosângela Rosa, *Habitat*.

pele que esses livros adquiriram era totalmente diferente daquela que usavam quando começaram a sua jornada marinha. E a história que contariam a partir de então também estava renovada.

Rosana Bortolin apresentou “Organismos” (figs 15 e 16), definindo inicialmente o conceito organismo, como conjunto de sistemas de órgãos que constituem um ser vivo, que foi pensado como aglutinador das questões que abarcam suas reflexões teóricas, o próprio corpo e os seus desdobramentos como possibilidade de manifestação estética. Os organismos criam organizações e as organizações estipulam as regras de funcionamento dos sistemas. Os organismos criam organizações e as organizações estipulam as regras de funcionamento dos sistemas. Os sistemas, sejam eles sociais, religiosos, tradicionais, culturais, políticos, acadêmicos ou mesmo artísticos, são controladores e ditam as regras de funcionamento dos corpos, que a eles pertencem. Assim sendo, as peças — ou seja, os organismos que compõem o corpo de obras desta exposição indicam a organização de um pensamento que abrange um conjunto de reflexões sobre as organizações discriminatórias desses sistemas dominantes.



Fig. 15: Rosana Bortolin, *Organismos*.
Foto: Carlos Pontalti.



Fig. 16: Rosana Bortolin, *Organismos*.
Foto: Carlos Pontalti.

Os corpos cerâmicos mais atuais de suas pesquisas, evidenciam mais movimentos em suas formas, sugerem a sensação de órgãos, remetem à velocidade e exibem texturas que se assemelham a tecidos musculares.

Luciane Garcez e Elke Otte Hulse apresentaram “Singularidades” (Fig. 17 e 18), justamente as singularidades que unem a cerâmica ao tear. Uma delas é o tempo, palavra principal: o tempo da fatura de ambas as técnicas. As duas técnicas exigem “conhecimento técnico” para sobreviverem enquanto obra, o que demanda tempo de aprendizado. As duas técnicas são demoradas para serem concluídas, têm seu tempo específico: fatura, secagem, queima. Na tapeçaria, cada trama é feita uma a uma. Para apresentar estas singularidades, montam uma instalação que problematiza uma “mesa de refeição”: uma tapeçaria por baixo e em cima dela, as cumbucas de barro, ou seja, o tempo que as famílias

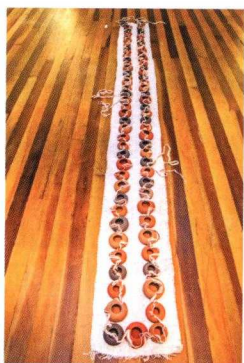


Fig. 17: Luciane Garcez e Elke Otte Hulse, *Singularidades*. Foto: Carlos Pontalti.



Fig. 18: Luciane Garcez e Elke Otte Hulse, *Singularidades*. Foto: Carlos Pontalti.

sempre dedicaram para se reunir e estar juntos. Resta a pergunta: Será que este tempo ainda existe? Outra singularidade: os materiais, “orgânicos e naturais”, não-artificiais, como o barro e o algodão, ambos presentes na história das sociedades desde tempos muito remotos. Por último, a singularidade dos tons mais naturais.

Cléa Espíndola apresentou “Árvore das águas” (figs. 19 e 20). A *Árvore das águas* através dos seus elementos, procura fazer com que o espectador, através da interação com a obra, possa perceber a fluidez das suas emoções. O Coral. Por sua cor, apresenta a rara particularidade de fazer coincidir em sua natureza os três reinos: animal, vegetal e mineral. Obras de processo criativo (inédito) em que a artista procura, através do barro e nas formas intensamente repetidas, criar pólipos que remetem ao lúdico de fazer cerâmica. Dois módulos de madeira suportam grupos de pólipos, um pintado com

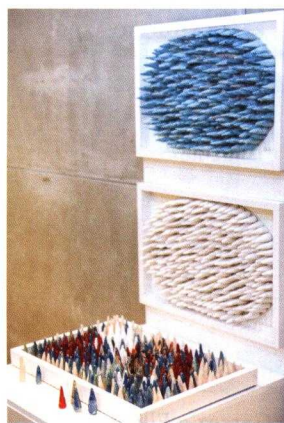


Fig. 19: Cléa Espíndola, *Árvore das águas*. Foto: Carlos Pontalti.

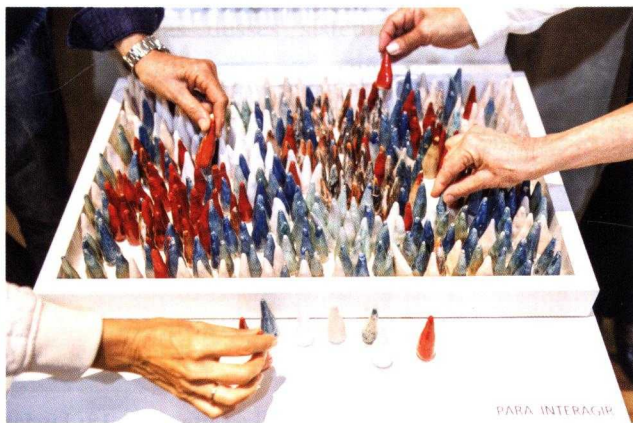


Fig. 20: Cléa Espíndola, *Árvore das águas*. Foto: Carlos Pontalti.

esmalte e óxido que tornam azuis e o outro na cor branca. Um terceiro módulo com pólipos soltos convidando que as pessoas possam interagir, inclusive retirando peças. A “árvore das águas” quer que os líquidos se misturem, permitindo fluidez de emoções.

Isabela Sielski apresentou “Desapegos – Objetos da memória”, uma instalação formada por seus “Objetos da memória”, embebidos em barbotina — barro líquido vermelho. A alusão ao barro, memórias e desapego constitui tema de seu trabalho em instalações onde convida pessoas a participar do tapete das memórias que também denomina “Memórias Compartilhadas”. A terra, material que recicla e transforma o que toca, além de transmutar as memórias dos objetos simbolicamente, faz o processo de brotar a vida por meio de sementes. Nascimento e morte se unem em um ciclo no qual só existe a noção da impermanência.

A exposição que encerrou em final do mês de agosto de 2015, recebeu grande público, demonstrando um interesse crescente pela



Fig. 21: Isabela Sielski, *Desapegos – Objetos da memória*. Foto: Carlos Pontalti.

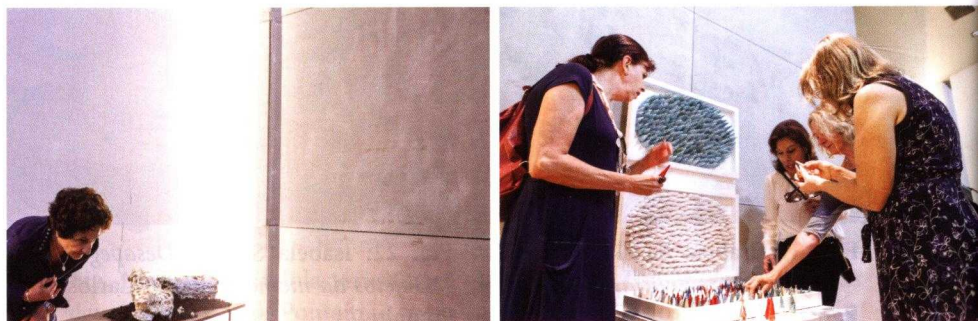


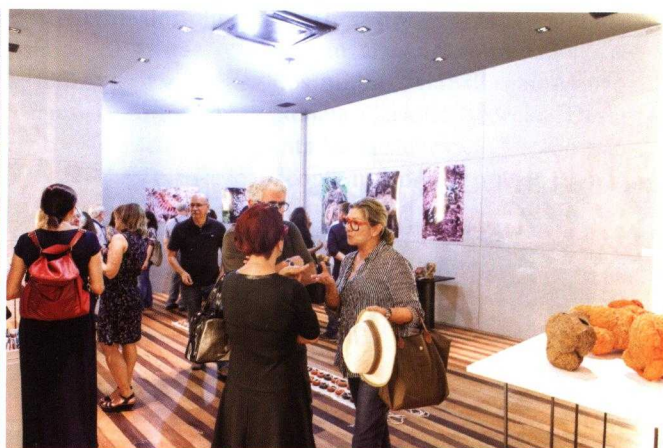
Fig. 22: Isabela Sielski, *Desapegos – Objetos da memória*. Foto: Carlos Pontalti.

cerâmica artística, pelo trabalho das ceramistas e por um eficiente sistema de comunicação e mídia, trabalho bem realizado por Ilca Barcellos e pelo Museu da Escola Catarinense.

Ao escolher de cada trabalho uma palavra para designar a singularidade de cada artista, dentro da singularidade desta exposição, destaquei em Canabarro: potência; Ilca: acaso; Betânia: tramas; Sara: ancestralidade; Rosângela: narrativas; Rosana: sistemas; Luciane e Elke: encontro; Cléa: fluidez; Isabela: memória. Mas se formos voltar a cada um deles, veremos que todos podem também ser tudo isso, o que nos retomar que todas as expressões aqui observadas são a afirmação da liberdade e da criatividade humana e, embora tenham suas próprias especificidades, almejam a mesma coisa: o conhecimento ou a “experiência desmesurada do obscuro”, a vida exemplificada pelo desvio, singularidade da arte.

No Brasil, onde de modo geral impera a pretensa novidade da última hora, a cerâmica terá um longo caminho ainda para sua compreensão. Todavia, vemos nesta exposição, uma produção do que há de melhor de cerâmica na cena contemporânea em Santa Catarina, que se mostra cada vez mais receptiva à cerâmica artística.







Nas figuras, imagens de momentos da abertura da exposição, em fotografias de Carlos Pontalti, em 2015.

1 Sobre a ceramista Rosana Bortolin, realizei uma pesquisa com orientada de iniciação científica 2014, que resultou em artigo denominado: “A ceramista Rosana Bortolin e a poética dos ninhos”, trabalho ainda não publicado em co-autoria com Débora Renata Caetano Moecke. Desta pesquisa, algumas considerações são apontadas neste texto. O artigo não foi incluído no livro porque a artista já foi contemplada por outros autores neste livro.

2 Possui licenciatura em Educação Artística – Habilitação Artes Plásticas – pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), especialização em Arte-Educação também pela UDESC, mestrado em Gestão do Desenvolvimento e Cooperação Internacional pela Universidade Moderna de Lisboa e doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua como professora de Estética e História da Arte da UDESC, no Centro de Artes (CEART), no curso de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), na linha de Teoria e História da Arte. Coordena o projeto de pesquisa “Contemporizações da modernidade artística em Santa Catarina”.

3 BORTOLIN, Rosana. Entrevista por email à autora em 20 de julho de 2014. Email: Sandra.makowiecky@gmail.com

4 Para saber mais sobre o artista, ver: MAKOWIECKY, S. ; HENICKA, M. S. *Os Grupos de Artistas Plásticos de Florianópolis dos anos 1980*. Revista Nupeart, v. 13, p. 67-101, 2015.

5 Ao longo de sua trajetória, o grupo Nha-ú contou com outras participações como: Cléa Spindola, Isabela Sielski, Jandira Lorenz, Leiza Martins, Maria Angelina Keller do Valle, Maria Helena M de Oliveira, Marilena Morozowski, Nivaldith Fernandes, Rafael João Rodrigues, Jone Araújo, Elde Duarte Araújo, Ricardo Varela, Aldanei Menegas de Andrade, Sergio Wiggers.